

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT06.005

AMIGAS OU RIVAIS?: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NEGRAS ESTEREOTIPADAS EM “MELANCTHA” (1909), DE GERTRUDE STEIN

YASMINE LOURO

Atua como professora da Educação Infantil Nível II pela Prefeitura de Porto Nacional/TO, desde 2020. Mestre em Letras, com linha de pesquisa em Teoria, Crítica e Comparatismo, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Especialista em Literatura em Língua Inglesa pela Faculdade de Educação São Luís. Especialista em Arte e Educação Contemporânea pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Especialista em Teoria Literária e Literatura Comparada pelo Instituto Líbano. Pós-graduanda em Ensino de Língua e Literatura pelo Instituto Federal de São Paulo - IFSP. Graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas da UEMASUL yasminelouro@outlook.com;

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar representações de femininas negras em “Melanctha” (1909), de Gertrude Stein, em especial a construção da personagem Rose, negra retinta, em contraponto à protagonista, negra clara. A metodologia utilizada será o Plurivocalismo Bakhtiniano, expressão chave que engloba os múltiplos discursos existentes na narrativa por meio de vozes, que se expressam e dialogam dentro do enunciado; a presente pesquisa privilegiará as vozes enviesadas no discurso do Feminismo Negro, que discutem as múltiplas representações das mulheres negras em mídias criadas por brancos. Como resultados, obtivemos que a narrador apresenta uma representação estereotipada da melhor amiga da protagonista, Rose, em razão de ser caracterizada como uma mulher negra retinta e, portanto, é animalizada. Em contraponto, Melanctha é construída como uma mulher elegante e querida, em razão de seu privilégio por ser considerada quase branca. Como considerações finais, a partir das análises realizadas podemos concluir que Stein utilizou o Cubismo Literário e suas técnicas para narrar a história de uma personagem negra em meio a uma comunidade racista de forma tendenciosa, reproduzindo signos e símbolos racialmente controversos.

Palavras-chave: Gertrude Stein. Melanctha. Feminismo Negro. Representação, Plurivocalismo Bakhtiniano.

INTRODUÇÃO

Em “Melanctha” abordada a questão racial por uma perspectiva negacionista. A principal personagem a defender esse discurso é Rose, que é uma negra de pele retinta que foi criada entre brancos e que acredita ser superior a muitos de seus conhecidos por essa razão. Melanctha é uma amiga dedicada e leal, a quem Rose adora, principalmente por Melanctha conter “uma gota” de sangue branco, fator que determina a tez mais clara de sua pele. Segundo Coleman (2019), a política de “uma única gota” é o que causa o estigma social e político das pessoas negras ou brancas, desde que determina como aquele indivíduo será lido socialmente e quais perspectivas serão impostas a ele, de acordo com o resultado da miscigenação e para qual etnia seus traços penderão.

O livro *Three Lives* (1909) composto por três contos, “The Good Anna”, “The Gentle Lena” e “Melanctha”. Segundo Beckson e Ganz (1997, p. 257), o termo **conto** significa “uma narrativa em prosa menor que uma novela”¹, mais restrita em relação aos personagens e às situações e é, normalmente, escrito com um único objetivo. Os autores comentam que “diferente de formas mais longas de ficção, o conto não desenvolve os personagens completamente; geralmente, um único traço de personalidade sofre uma mudança ou é revelado como resultado de um conflito”² (idem).

Para Reis e Lopes (1998, p. 80), **conto** configura um gênero textual que “tende à concentração dos eventos: sendo normalmente linear, sem consentir a inserção das intrigas secundárias que o romance admite”, com uma narrativa breve e com apresentação de diegese, tempo e espaço concentrados, o que amplifica a significação. Como aponta Carl Van Vetchen no texto de apresentação da edição norte-americana de 1933 de *Three Lives* (1909), o livro é composto por três **contos**. Gertrude Stein, em razão da técnica criada por ela para o Cubismo Literário, necessitava de um espaço narrativo menor do que o romance para discorrer sobre as vidas das três mulheres do livro, desde que a técnica apurada do Cubismo Literário defendia a criação de personagens como abstrata e dependente de adjetivos, sinônimos e antônimos.

1 “A prose narrative briefer than the short novel, more restricted in characters and situations” (tradução nossa)

2 “Unlike longer forms of fiction, the short story does not develop character fully; generally, a single aspect of personality undergoes change or is revealed as the result of conflict.”

Os dois primeiros contos narram as vidas de duas imigrantes alemães que desempenham funções na casa de burgueses. Esses contos, “The Good Anna” e “The Gentle Lena”, estavam baseadas na vida de Lena, empregada alemã de Gertrude Stein, sendo “The Good Anna” baseada na história de sua vida e “The Gentle Lena” apenas utilizando-se do nome. “Melanctha”, segunda conto do livro, é a única a ter um enredo diferente. Nas outras dois contos, o conceito de maternidade é trabalhado como uma denúncia às condições de subalternidade impostas às protagonistas.

Por sua vez, a questão de gênero fica por conta das relações estabelecidas no conto, como a relação conturbada de Melanctha com o seu pai, Mr. Herbert, e com o seu interesse amoroso, Jeff Campbell.

A narrativa segue a vida de Melanctha Herbert, mulher e negra, a partir do nascimento do primeiro filho de sua, até então, melhor amiga, Rose Johnson. A protagonista vive em uma pequena comunidade negra de uma cidadezinha fictícia do Sul, Bridgepoint e é conhecida pela tez muito clara, o que faz dela cidadã respeitável, afinal, é **quase** branca. A problemática do conto envolve o relacionamento conturbado e praticamente inexistente de Melanctha com o seu pai, que representa o estereótipo do pai negro ausente, violento. Enquanto o código moral de Bridgepoint exige que sua população não-branca viva sob preceitos brancos, Melanctha sofre em seu entre-lugar e decide render-se à herança paterna, que resume-se a muitos namoros e nenhum comprometimento.

Porém, quando o assunto é “Melanctha”, são inegáveis as semelhanças entre a narrativa e a vida de Gertrude Stein. Na sua comunidade, Melanctha Herbert é continuamente caracterizada como extremamente inteligente, como alguém superior em sua comunidade, assim como Stein viu a si própria durante toda a sua vida. Outra semelhança é a aparente apatia de Melanctha em continuar o que começa, pois, como repetido, diversas vezes no conto, ela está sempre em busca de novos estímulos. Em *The Autobiography of Alice B. Toklas* (1933), é descrito o momento no qual Stein é chamada ao escritório de um de seus professores para que seja oferecida a ela uma oportunidade de concluir os seus estudos em Psicologia. No momento, Stein afirma que possuía tanta inércia que, caso não houvesse sido chamada, nunca procuraria concluir o curso (STEIN, 2009). Na verdade, ela nunca chegou a conseguir o diploma, desde que perdeu o interesse, de fato, pelo mundo acadêmico e mudou-se para Paris com o seu irmão, logo após aquela reunião.

Stein escreveu “Melanctha” na Europa, enquanto vivia na esbórnica europeia com os outros integrantes da *Geração Perdida*, um grupo de emigrantes estadunidenses que viveram intensamente a Era do Jazz (1920) na Europa, e, certamente, foi continuamente inspirada pelas ruas de Paris (tanto é que incluiu grandes partes de suas observações de quando passeava a pé pela cidade-luz), mas decidiu escrever sobre os negros, os mesmos que ela acreditava que eram vítimas de sua própria “vitimização”, que estavam a léguas de distância de sua residência. A perspectiva negacionista de Stein não a permitia considerar com seriedade os inúmeros linchamentos e perda de direitos civis dos negros que aconteciam enquanto ela viajava pela Europa. A negação dos fatos que ocorriam no período é uma notável amostra do negacionismo e reacionarismo de Stein, desde que as notícias da violência contra negros eram publicadas em jornais de grande veiculação.

Contudo, a publicação de “Melanctha” foi considerada progressista pela *intelligensia* do período (Will, 2009) para posteriormente ser problematizada por Angela Davis (2016), quando a teórica afirma que o conto mais reforça as estruturas raciais estadunidenses do período do que as combate.

O método de escrita de Gertrude Stein, pautado na repetição e abstração de adjetivos, é o que mantém a obra relevante para a crítica literária, considerada tão ultrapassada simbolicamente quanto as obras de Mark Twain (1835-1910) ou Monteiro Lobato (1882-1948), no Brasil. As tensões raciais que permeiam a obra não envelheceram bem, sendo atualmente consideradas politicamente incorretas. Como Twain e Lobato, Stein padece das mesmas acusações de racismo, tornando “Melanctha” uma obra controversa³.

A formação discursiva e ideológica de “Melanctha”, então, é problemática, quando posiciona as representações de negritude como figuras discursivamente homogêneas e diretamente dependentes da branquidade, o que as torna estereotipadas e rasas. Candido (2006, p. 34) afirma que “a obra [literária] exige necessariamente da presença do artista criador”, sendo, logo, “Melanctha”, o resultado da observação da comunidade negra por uma pessoa branca e burguesa, ou seja, um *outsider*.

3 No que se refere a Mark Twain, o caso do escravizado negro Jim, presente na obra *Adventures of Huckleberry Finn* (1884), e sua caracterização brutalizada e sem nuances, é o exemplo mais escrachado do racismo em sua obra. Já no caso de Monteiro Lobato, obras notáveis como *Negrinha* (1920), *O Presidente Negro* (1926) (que contém um título alternativo de *Choque de Raças*) e, inevitavelmente, *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, com a personagem da Tia Anastácia, apresentam descrições animais para os personagens negros, tornando-os criaturas bestiais e totalmente ignorantes.

Quanto a isso, Gertrude Stein foi aclamada por sua perspicácia em trabalhar com a negritude em sua obra, embora partindo de uma perspectiva que abordava essa temática enviesada por um local comum racial, ou seja, a branquidade; obviamente sua obra não pode acrescentar na luta pelos direitos civis dos negros, positivamente.

As relações inter-raciais em “Melanctha” suscitam questionamentos acerca da ideologia racial na época, pois, não somente não são abordadas as tensões raciais do período, mas são construídos personagens caricatos e estereotipados, com relações inter-raciais congeladas de meados do século XIX. Como já apontado acima, a mesma comunidade negra de Bridgepoint admira Melanctha pelos seus traços negroides suavizados, exigindo dela um comportamento adequado ao seu status social e de branca.

Além disso, entendemos que é relevante resgatar obras com valor ideológico controverso para entender a evolução do pensamento humano. Afinal, “Melanctha” ainda é admirada por seu valor estético, tendo em vista que a técnica de repetição desenvolvida por Stein continua a ser explorada e revisada. Logo, revisitar a obra criticamente, da perspectiva ideológica, contribui para a compreensão dos valores em voga no período, sendo Gertrude Stein uma mulher do seu tempo. Pode-se arguir que uma mulher branca, burguesa e lésbica dificilmente compreenderia a carga racial de sua produção literária em um período onde negros eram linchados por razões banais, porém, no caso de Stein, que estava inclusa em duas causas minoritárias, a feminina e a LGBTQ+, por ser lésbica, esperava-se um posicionamento mais contundente sobre as causas sociais. A partir disso, pode-se indicar uma postura contraditória provinda de Gertrude Stein. Não obstante, “Melanctha” foi ovacionada por seu caráter ideológico, pela coragem de publicar uma obra que discutia o desenrolar da vida de uma mulher negra no período das Leis Jim Crow, grupo de leis institucionalizadas que permitiam a segregação racial e o racismo nos Estados Unidos⁴.

Sendo assim o objetivo geral do presente artigo é apresentar representações de femininas negras em *Melanctha* (1909), de Gertrude Stein, em especial a

4 As **Leis Jim Crow** estiveram em pleno funcionamento de 1877 (último ano da Reconstrução Negra) e 1964 (período em que os negros exigiram os seus Direitos Civis). As Leis Jim Crow institucionalizaram desvantagens econômicas, educacionais e sociais para os afro-americanos ou outras pessoas de cor que viviam nos Estados Unidos. Dentre as leis, estava a separação de espaços em vagões de trem ou locais demarcados em ônibus, assim como banheiro e bebedouros exclusivos para negros e brancos, como também a segregação racial em escolas, restaurantes e hotéis.

construção da personagem Rose, negra retinta, em contraponto à protagonista, negra clara. Como objetivos específicos, almeja-se identificar a motivação histórica que, supostamente, estimulou a construção da narrativa; pontuar as similaridades das tensões raciais e de gênero, recorrentes do período, com a temática da narrativa; analisar os parâmetros utilizados pelo narrador para recriar os personagens em termos das estruturas sociais, como racismo e relações de gênero, levando em conta a construção lexical do narrador ao apresentar os personagens que constantemente cria estereótipos raciais e de gênero; exemplificar, com a utilização de fragmentos textuais, as relações de gênero e raça contidas na obra.

Em um mundo onde já se acredita viável escrever livros ou desenvolver filmes e séries sobre o período da escravidão de uma ótica futurista e, portanto, saudosista, apesar da violência associada com a escravidão, ou no que as pessoas ainda não compreendem a irrealidade do *racismo reverso* – crença de que comunidades não-brancas também exercem opressão contra os brancos embora seja impossível um grupo minoritário oprimir o grupo dominante (Davis, 2016) – uma narrativa que suscita o leitor a culpar a protagonista pela *aceitação* de sua negritude, como seria o caso de Melanctha, assemelha-se muito mais ao presente do que ao passado. Atualmente os negros são criticados por tentarem resgatar as suas raízes, por discutirem as pautas raciais que determinam o seu dia-a-dia, sendo considerados vitimistas por denunciarem os excessos policiais ou pelo racismo estrutural⁵, que constitui uma série de comportamentos discriminatórios adotados pelos brancos ou por não-brancos que foram socializados em espaços raciais desiguais, como explica Steffens (2015).

Após os protestos intensos do *Black Lives Matters*, ou Vidas Negras Importam, nos Estados Unidos, em 2016, e em outras cidades ao redor do mundo em 2020, a questão racial apresentada em “Melanctha” (1909), passou a ter uma qualidade de distanciamento da realidade do período pelo pacifismo de seus personagens periféricos, ou, ainda mais, sua quase passividade bovina, quando, desde o período de publicação da obra, já haviam protestos intensos contra o racismo e a segregação racial. O confronto dos dados históricos da paulatina construção da representação dos negros e da teoria da branquidade, que é mais uma ferramenta do *status quo*

5 “No estudo do racismo, o discurso representa a ligação entre nível micro e macro – racismo como um sistema de dominação de um grupo sobre outro e racismo como práticas discriminatórias cotidianas” (STEFFENS, 2015, p. 8).

para oprimir os não-brancos, auxilia a pesquisa a compreender o contínuo lembrete do sangue branco de Melanctha, o que a faz diferente.

Por sua vez, a presente pesquisa tem caráter analítico e bibliográfico para uma melhor leitura de obra “Melanctha” e está baseada em quatro áreas teóricas: contextualização histórica de “Melanctha”, estudos sobre racialidade, gênero e o plurivocalismo bakhtiniano.

METODOLOGIA

Conforme o plurivocalismo de Bakhtin, em “Melanctha” (1909), as vozes lutam na narrativa, onde há uma disputa de poderes entre a branquidade e a negritude, que são representadas, respectivamente, pelo narrador e pela protagonista, Melanctha, que é constantemente julgada por não assumir a posição de privilégio por ser considerada **quase branca**, quando provém de uma família de negros. As vozes lutam na narrativa; a branquidade determinada a conquistar Melanctha pela suposta facilidade resultante de sua posição como negra clara e a negritude lutando contra o jugo da branquidade, tentando convencer Melanctha a se assumir negra por meio da força provinda da resistência de seu pai.

Para interpretar essas vozes sociais presentes no discurso de “Melanctha” (1909), recorreremos ao **plurivocalismo bakhtiniano**, a teoria que aponta a presença de inúmeras vozes sociais no romance, por meio da língua única adotada pelo autor. Para Bakhtin (1998, p. 128), “o plurilinguismo é sempre personificado, encarnado nas imagens individuais das pessoas com as dissonâncias e as discordâncias individuais”. Sendo assim, como já apontado, o foco de investigação nesse capítulo são essas imagens individuais presentes na narrativa, com o intuito de compreender as contradições que envolvem o conceito negritude, majoritariamente em razão da ideologia da branquidade que determina o posicionamento ideológico de seus personagens.

O método de imanência consiste em analisar a obra pela obra, investigando as vozes existentes nela, utilizando como instrumento o referencial teórico bakhtiniano, assim como os recursos provindos da fundamentação teórica dos dois primeiros capítulos.

Dessa forma, é relevante aprofundar as questões raciais e de gênero, em especial aquelas abordadas pelo Feminismo Negro, quando Stein escreveu sobre mulheres negras a partir de impressões rasas, fundamentadas pelos encontros

com parturientes e doentes crônicas no *Johns Hopkins Medical School*. É apenas por meio da teoria que se debruça sobre a trajetória da mulher negra ocidentalizada que pode-se conferir as incongruências narrativas em “Melanctha” (1909).

Logo, para que se possa compreender o denso percurso racial vivido por Melanctha na obra, é necessário ter em consideração o distanciamento da autora da ambientação que construiu na narrativa. Gertrude Stein abordou o que ela imaginou ser o cotidiano dos negros, baseando-se em estereótipos racializados para fundamentar o seu olhar enviesado pela branquidade. Sendo assim, o seu posicionamento ideológico permeia toda a narrativa, orientando o leitor a segui-la, sem medo, na trajetória racial que culmina em tragédia.

1 AVANÇOS NOS DIREITOS DOS AFROAMERICANOS NOS ESTADOS UNIDOS

De acordo com Du Bois (2013), os negros nos Estados Unidos poderiam ser considerados com a pior e mais baixa condição entre os trabalhadores modernos. A estimativa era que o custo de manutenção de um escravizado no Sul custava para o senhor algo como 19 dólares por ano, o que significa que eles estavam entre os trabalhadores mais mal pagos do mundo moderno.

Os escravizados não eram considerados homens; não gozavam de direitos civis e eram tratados como qualquer outra posse, carregados de um lado para o outro como objetos. Conforme Du Bois (2013), os negros não podiam possuir nada, não podiam firmar contratos, não podiam contratar, nem se casarem ou constituir família. Os negros não podiam controlar as suas crianças, não poderiam apelar ao seu mestre, mas podiam ser punidos por qualquer coisa.

Os negros escravizados não podiam depor em um tribunal, mas podiam ser presos por seus proprietários, assim como os crimes de agressão e furto não eram considerados como tais quando cometidos por um branco contra um escravizado. O “assassinato intencional, malicioso e deliberado”⁶ (Du Bois, 2013, np) de um escravo era punido com a pena de morte, mas esses crimes eram praticamente impossíveis de provar. Os escravizados deviam ao seu senhor e à sua família um respeito “sem limites, e com uma absoluta obediência”⁷ (Du Bois, 2013, p. ?).

6 “Willful, malicious and deliberate murder.”

7 “Without bounds, and an absolute obedience.”

Enquanto isso, na Virgínia, negros possuíam o direito ao voto até 1723, quando o Congresso determinou que “nenhum negro livre, mestiço (sic) ou indígena ‘podem, daqui para frente, tem qualquer [direito ao] voto nas eleições dos burgueses ou qualquer outra eleição”⁸ (DU BOIS, 2013, np⁹). Em 1716, judeus e negros, que votavam até aquele ano, eram claramente excluídos. Na Geórgia, pela primeira vez não houve distinção por raça nas eleições, ainda que apenas proprietários de cinquenta acres de terras pudessem votar.

Du Bois (2013) acrescenta que, já em 1761, votar era exclusivamente permitido aos homens brancos. Nos estados depredados do sudoeste, os negros perderam os direitos políticos logo que estes aderiram à União, mesmo que no Kentucky eles votassem entre 1792 e 1799 e o estado do Tennessee tenha permitido que os negros votassem pela constituição de 1796.

No período colonial, os negros livres eram excluídos do direito ao sufrágio apenas na Geórgia, na Carolina do Sul e na Virgínia. Nos estados da fronteira, Delaware retirou os direitos políticos dos negros em 1792, em Maryland isso aconteceu em 1783 e em 1810. No sudeste, a Flórida retirou os direitos políticos dos negros em 1845; no sudoeste, o congresso em Lousiana retirou os direitos políticos dos negros em 1812, Mississippi, em 1817; Alabama, em 1919; Missouri, em 1821; Arkansas, em 1836; Texas, em 1825, de acordo com Du Bois (2013).

Os poucos negros que residiam no Maine, em New Hampshire e em Vermont poderiam votar se comprovassem as qualificações necessárias de propriedade. Em Connecticut, os negros perderam os direitos políticos em 1814, mas em 1865 essa restrição foi removida e os negros não readquiriram os seus direitos políticos até depois da Guerra da Secessão (DU BOIS, 2013).

No século XVIII, os negros podiam votar em Nova York. Porém, perderam os direitos políticos em algum momento na virada do século, para readquiri-los em 1821, desde que comprovassem que possuíam propriedade no valor de 250 dólares, de acordo com Du Bois (2013). Nenhum tipo de qualificação era exigida dos brancos, no entanto. As qualificações de propriedade foram constantemente refutadas, mas apenas caíram em 1870. Em Rhode Island, os negros perderam os

8 “No free negro, mulatto or Indian ‘shall hereafter have any vote at the elections of burgesses or any election whatsoever.”

9 O livro *Black Reconstruction* (2013) foi lido no formato mobi e não aparece o número de páginas nesse formato. Portanto, nas citações diretas desse livro, o número de páginas será **np** (não paginado).

direitos políticos na Constituição sucessora da Rebelião de Dorr¹⁰, mas, finalmente, foram autorizados a votar em 1838, até que a convenção para a Reforma restringiu o direito ao voto aos brancos (Du Bois, 2013).

Por sua vez, os estados do oeste não restringiam os votos até que aderiram à União. Os direitos políticos foram retirados em 1803, em Ohio; em 1816, em Indiana e no Iowa; em 1818, em Illinois e no Wisconsin; em 1836, no Michigan; em 1858, no Minnesota; e em 1861, no Kansas, segundo Du Bois (2013).

O avanço do negro na educação, auxiliado pelos abolicionistas, foi fenomenal. Porém, um passo maior foi a preparação dos seus próprios professores – o presente da Nova Inglaterra para o Sul, como pontuou Du Bois (2013). A Nova Inglaterra estava determinada em formar professores negros para atuar em instituições de educação voltadas para os negros, para evitar que professores brancos ministrassem nesses locais. O autor corrobora que, caso o sistema educacional negro houvesse sido apoiado, guiado e sustentado, o afro-americano superaria a Dinamarca em alfabetização no período que *Black Reconstruction* foi escrito, ou seja, em 1935. O autor continua explicando que foi devido a filantropia do Norte e as contribuições do Sul Negro que a Universidade Negra, um conjunto de instituições voltadas para o ensino dos afro-americanos, sobreviveu formando professores e líderes, apesar dos esforços dos brancos racistas de reduzir a sua eficiência.

Dentre as grandes personalidades que lutaram pelos direitos civis e políticos das pessoas negras, está Harriet Tubman, que foi responsável por 13 viagens nas Underground Railroads ou Ferrovias Subterrâneas que, como explica Carneiro (2019, p. 195), “apesar do nome *railroad*, esse trajeto não envolvia diretamente ferrovias e foram locais e pessoas abolicionistas que ajudavam a abrigar e transportar cativos até estados livres como Canadá, Cuba e México, em busca de liberdade”.

Harriet foi a responsável pela libertação de 70 pessoas, mas, antes disso, foi conhecida como Araminta “Minty” Ross, nascendo entre fevereiro e março de 1822, sem uma data certa para o seu nascimento. Os seus pais eram escravizados na fazenda de Anthony Thompson, em uma *plantation* no estado de Maryland. Mas

10 A *Rebelião de Dorr* foi uma tentativa dos moradores de classe média de Rhode Island de forçar uma democracia ampla, retirando do poder uma pequena elite rural, que aconteceu entre os anos de 1841 a 1842. Liderada por Thomas Wilson Dorr, a rebelião mobilizou os marginalizados para exigir mudanças nas regras eleitorais do estado. Rhode Island ainda usava a carta colonial de 1663 como constituição. Uma das exigências dos rebeldes seria a derrubada a exigência de comprovação de qualificação para votantes brancos.

entre os anos de 1823 e 1824, Harriet, seus irmãos e sua mãe foram enviados para a fazenda do enteado de Anthony Thompson, Edward Brodess, separando-os assim do seu pai.

Durante a Guerra Civil Americana, a Guerra da Secessão, Harriet Tubman trabalhou para as forças da União, auxiliando o exército na Carolina do Sul, na Flórida e na Geórgia, desempenhando funções de enfermeira, espiã e escoteira. Segundo Carneiro (2019), Tubman teve um papel essencial em 1863, em uma batalha conhecida como Combat River, com ataque comandado pelo General James Montgomery. Harriet Tubman liderou o Segundo Batalhão Negro na Carolina do Sul, onde foram libertados 700 escravizados. Foram identificadas 250 mulheres como soldados da linha de frente, assim como outros milhares de enfermeiras e espiãs.

Com a 15ª emenda aprovando o direito do sufrágio para os afro-americanos negros, em 1870, após o fim da Guerra Civil, excluindo assim mulheres brancas e negras, Harriet Tubman se tornou mais ativa no movimento do sufrágio feminino no ano de 1890, participando de conferências de mulheres tanto brancas quanto negras. Em 1896, Harriet participou da fundação da *National Association of Colored Woman*, comparecendo também à uma convenção sufragista em Rochester, em Nova Iorque.

Figura 1 – Women Suffrage Procession 1913.



Fonte: www.wikipedia.org

Conforme Carneiro (2019), as mulheres apenas conquistariam o direito ao sufrágio com a 19ª emenda, em 1920, mas Harriet Tubman não estava mais viva no

período. O que pode ter estimulado a criação e promulgação da 19ª emenda foi a marcha em Washington, conhecida como *Women Suffrage Procession*, como visto na **figura 4**, no dia 13 de março de 1913, quando milhares de mulheres estiveram presentes. Essa foi a primeira manifestação coletiva em grande escala pelo sufrágio feminino.

Gertrude Stein, criada em Baltimore, Maryland, esteve sempre envolta pelas narrativas sobre a Guerra Civil, o que a fascinou pelo tema. Quando adulta, passou a emitir fortes e contundentes opiniões sobre a questão negra, enviesada pela branquidade, na qual cresceu e se reconheceu. Para tanto, em suas obras, caracterizou os seus personagens com trejeitos e atitudes similares aos dos escravizados do século XIX, como um comportamento agressivo, por parte dos homens negros, e uma passividade leniente, por parte das mulheres. Além disso, a valorização da branquidade, seja por consanguinidade ou por influência externa, como o caso de Rose Johnson, em “Melanctha” (1909), que foi criada por brancos, provém da crença da superioridade do branco sobre o negro.

Além do mais, nos outros dois contos de *Three Lives* (1909), as imigrantes alemãs não estão muito preocupadas em assegurar os seus direitos civis. Na verdade, há um forte sentimento antimulher nas descrições de “The Good Anna” (1909), quando Anna afirma a sua predileção em servir homens em detrimento de outras mulheres, ou em suas questionáveis descrições sobre as serventes na casa de Miss Mathilda, a sua patroa querida.

Na próxima seção compreenderemos melhor a questão negra feminina nos Estados Unidos.

2 QUESTÕES FEMININAS E INTERSECÇÃO DE OPRESSÃO DE RAÇA E GÊNERO: UMA BREVE REVISÃO METODOLÓGICA

Para Davis (2016, p. 123), “a última década do século XIX foi um momento crítico para o desenvolvimento do racismo moderno – seus principais pilares institucionais e as justificativas ideológicas concomitantes”. Após o definitivo rompimento entre mulheres brancas e homens negros com o resultado do sufrágio do homem negro, ou seja, a luta pelo direito do voto do homem negro, o ódio à raça e às mulheres afirmou-se ainda mais, principalmente pelas leis Jim Crow, mas especificamente pela construção de mitos e estereótipos racialmente posicionados. Segundo McCauley (1996), a narrativa de que mulheres negras são devassas

sexuais tem sido a principal justificativa na ideologia dos sistemas de racismo e sexismo, e o consequente desenvolvimento histórico da representação das mulheres negras como animais, adoecidas e permissivas, o que contribuiu para a subordinação da mulher negra.

A fundação racial dos Estados Unidos remonta a meados do século XVI, quando quatro fatores estruturaram o olhar inglês a respeito dos africanos enquanto escravizados. McCauley (1996, p. 6), aponta em primeiro lugar, a cor da pele dos africanos que foi vista de forma negativa desde o princípio. A autora comenta que o conceito de negritude era equivalente ao pecado e sensualismo, assim como antônimo da branquidade. Enquanto “a Branquidade simbolizava pureza, virgindade, virtude, beleza, bondade e Deus, Negritude conotava sensualismo, pecado, baixaza, feiura, mau e o Diabo”¹¹. Em segundo lugar, a autora pontua que os africanos eram considerados inferiores e incivilizados. Por isso, no século XVII, o intenso envolvimento no tráfico negreiro era justificado como serviço missionário. Como uma ideia complementar, em terceiro lugar, o africano era visto como uma besta selvagem, com os ingleses associando-os à macacos – uma imagem tão bem fixada que é presente até nos dias atuais. Por último, a aparente potência sexual dos africanos era associada ao animalesco.

Devido a esses fatores, mulheres negras eram diferenciadas das mulheres brancas, no aspecto sexual. Enquanto as mulheres negras eram tratadas como imorais e promíscuas, as mulheres brancas eram alçadas ao posto de imaculadas. O mito que McCauley (1996) chama de “negro super-sexual” foi construído sobre a imagem da própria sociedade inglesa do período, que era sexualmente reprimida.

Para Almeida (2013), o século XX definiu a representação feminina conforme as formulações do Positivismo e do Higienismo do século XIX. De acordo com essa imagética, as mulheres eram associadas a inúmeras responsabilidades, dentre elas, a preservação da família e da moral cristã; as mulheres eram consideradas possuidoras de atributos como a pureza, a bondade e a submissão, e a figura feminina era exaltada como generosa e meiga. O futuro da Pátria e da família estava em suas mãos.

A autora ainda corrobora que, mesmo com o forte discurso a respeito da pureza feminina e das qualidades morais que a mulher deveria ter, havia a

11 “Whiteness’ symbolized purity, virginity, virtue, beauty, beneficence and God, ‘Blackness’ connoted fithiness, sin, baseness, ugliness, evil and the devil.” (tradução nossa)

ambiguidade de considerá-las as preservadoras da raça, condenando, simultaneamente, qualquer ideia de sexualidade, independente se ligada à ideia de reprodução da espécie ou não. Enquanto às mulheres é exigido uma postura de preservadoras das raças, elas também são condenadas ao se tornarem sexualmente ativas, sendo este papel determinante para o status social feminino. Às mulheres é destinado o local da maternidade, o que sugere a necessidade de relações carnis para tornarem-se mães.

As representações ambíguas, de provedora santificada à prostituta condenável, provêm da cultura europeia dos séculos XVIII e XIX, que produziram uma quantidade inédita de discursos, que, de acordo com Kehl (2008, p. 48), tinham como objetivo “promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominados ‘feminilidade’”. Logo, a partir desses discursos, os sujeitos seriam definidos por meio de sua anatomia e vicissitudes, o que entra em contradição com a ideia corrente no período de que a “natureza feminina” precisaria ser contida pela sociedade e pela educação, para que as mulheres pudessem cumprir o suposto destino ao qual estariam designadas naturalmente, ou seja, ao matrimônio e à maternidade.

Para Kehl (2008, p. 48), a feminilidade, naquele período, poderia ser definida como um “conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora”. Portanto, às mulheres era designado um único lugar social – ao espaço familiar e doméstico –, destinando-as ao papel materno e excluindo-as enquanto seres subjetivos.

Segundo Butler (2017), “a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos”. No século XIX, as virtudes próprias da feminilidade, de acordo com os teóricos homens vigentes no período, envolviam o recato, a docilidade, a permissividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, posteriormente, dos filhos. A representação da mulher enquanto mãe, para Almeida (2013), reflete o modelo arquetípico exaltado pela Igreja Católica, da mulher que é mãe e virgem, isenta dos pecados das relações sexuais.

Como consequência desse modelo que preservava os estereótipos de feminilidade cristãos, ocorreu a exclusão das mulheres dos espaços de protagonismo social, por haver a valorização destas apenas no papel doméstico, no espaço privado dos lares, com o desempenho da maternidade. A mulher, de acordo com Almeida (2013), passou a ser a responsável pela educação de seus filhos, enquanto os seus

maridos ocupavam os espaços públicos, sendo reconhecidos por sua presença e atividade social.

Sobre os seus estudos acerca do papel da mulher na sociedade do século XIX, Fuller (1994) comenta que a insistência das mulheres em conquistar a sua independência não reside no ódio aos seus cônjuges ou à domesticidade do lar, mas, sim, à ideia de que a devoção excessiva feminina esfria as relações homem-mulher, degrada os casamentos e impede os sexos de agir de forma autônoma e independente. A autora ainda comenta que “esse é o grande defeito do casamento, esse de que a mulher pertence ao homem, ao invés de formar um todo com ele (Fuller, 1994, p. 119).

No período, de acordo com Kehl (2008), os papéis de gênero definiam o seguinte:

As mulheres devem ser educadas para se tornar recatadas e resistentes ao sexo de modo a sustentar com seu negaceio, a virilidade dos parceiros; frágeis e desprotegidas para mobilizar neles a força, a potência, o desejo de proteção; submissas e modestas para melhor governar a casa e a família (KEHL, 2008, p. 61).

Dessa forma, as mulheres deveriam ser reprimidas sexualmente para que agissem racionalmente e, com isso, oferecer uma ponte entre sexos, permitindo ao homem toda a liberdade sexual e falta de participação quanto aos assuntos domésticos, deixados aos cuidados da esposa. Porém, independentemente de suas atividades de chefia doméstica, as esposas ainda deveriam preservar uma postura cálida e meiga, para que suas ações mais incisivas não chocassem aos seus maridos, permitindo à sociedade burguesa a criação da representação do homem líder de família – que, na prática, não ajuda em nada, deixando o trabalho duro para as suas esposas. De acordo com Butler (2017, p. 18), “a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres”.

No período investigado as experiências comuns ao sexo feminino eram interpretadas sob o escrutínio da vivência masculina, tendo os paradigmas estabelecidos a partir das relações de gênero como parâmetro de análise. Para Almeida (2013), a alteridade, a capacidade de colocar-se no local do Outro, dependia da escala axiológica que estabelecia a submissão feminina por meio de comportamentos sociais divididos entre toleráveis e intoleráveis, deixando estes últimos para as mulheres

proscritas do convívio social das pessoas de suposta boa índole, ou seja, que obedeciam esse sistema de regras.

Para isso, ainda segundo a autora, as mulheres precisariam obedecer a um rigoroso sistema de valores sociais, dentre eles, eximir-se de estudar ou trabalhar, afinal, “a intenção de que as mulheres permanecessem nos lares possuía como principal argumento a certeza da desagregação da família” (Almeida, 2013, p. 191). Então, além de não poderem exercer qualquer função no âmbito público, que não a materna, as mulheres ainda deveriam tornar-se responsáveis pela manutenção da casa e educação integral dos filhos em idade pré-escolar.

Segundo Almeida (2013), o trabalho feminino não era apenas boicotado em razão de retirar as mulheres do espaço sagrado do lar, mas, mais acentuadamente, pelo perigo delas alcançarem a independência financeira representava para o convívio doméstico. A maior ameaça que a independência financeira feminina representava seria a suposta possibilidade de tornar-se a razão pelo decréscimo no número de matrimônios e, conseqüentemente, na limitação ou total eliminação do número de filhos, como ocorrido com Gertrude Stein. A sua enorme fortuna, acessível em tenra idade, permitiu-lhe a autonomia de declarar-se lésbica em uma sociedade de costumes e crenças homofóbicas.

A outra possibilidade, de acordo com a autora, seria a plenitude e a satisfação que uma mulher solteira poderia sentir por meio da autonomia financeira, o que a tornaria resistente ao casamento. Para Almeida (2013), os homens bem-sucedidos faziam o caminho inverso, apenas aguardando uma boa promoção no trabalho para casar. A autora ainda comenta que a limitação no número de filhos não era uma preocupação masculina, sendo este um controle que sempre partia das mulheres, representando essa decisão como um risco para os países que necessitavam de homens fortes para o combate ou para o trabalho.

As expectativas sobre a felicidade feminina no século XIX envolviam um casamento em uma idade jovem, gravidez compulsória de múltiplos rebentos, satisfação conjugal, mesmo que o parceiro a traísse ou mantivesse relações com prostitutas, enquanto que, para os homens, não havia a pressão para se casarem – muitos só se casavam na faixa dos 30 anos, ainda considerados “garotões” – e a única expectativa real envolvia o nascimento de seus filhos, que deveriam ser varões para preservar o nome da família. Portanto, no início do século XX, as expectativas sobre as mulheres permaneceram as mesmas, independente da luta feminista que

crescia progressivamente, fomentada ainda no século XIX, desde que a alteridade provinha do olhar do homem sobre a mulher (Federici, 2017).

As representações “femininas” eram construídas como um reflexo do poder vigente no período, desde antes, no feudalismo, quando as crianças passaram a ter o valor de trabalho e, assim, as mulheres passaram a ser consideradas instrumentos de reprodução e a serem separadas por esposas, com quem os homens poderiam se reproduzir, e amantes ou prostitutas, com quem eles se deitavam para divertirem-se.

Enquanto o casamento era visto como “a regulamentação das relações sexuais entre os homens e as mulheres” (Almeida, 2013, p. 192), não houve uma ideia de ação positiva que celebrasse a igualdade entre os sexos, mas, sim, a discriminação explícita por meio de imagens disfarçadas de um papel social relevante desempenhado por elas. Essas imagens nada mais eram do que ferramentas de opressão e segregação, estereótipos preservados até os dias atuais.

3 REPRESENTAÇÕES CONTROVERSAS: FEMINILIDADE NEGRA ESTEREOTIPADA EM MELANCTHA (1909)

Conforme já mencionado, em “Melanctha” (1909), segundo conto do livro, conhecemos a história da jovem Melanctha Herbert, negra de tez clara, que vive em um bairro negro em Bridgepoint. Melanctha é tratada de forma diferente em sua comunidade, justamente por seu tom de pele claro, o que gera expectativas racializadas nos cidadãos dessa comunidade. Aqueles que convivem com ela esperam que Melanctha aja conforme uma mulher branca, com os mesmos valores morais de uma branca, o que muito a desagrada.

Melanctha sempre viveu a seu próprio ritmo. Quando mais nova, adolescente, Melanctha vagava pelas docas e fazia amizade com os estivadores deste lugar, tudo com uma curiosidade que o narrador chama de “estrada que conduz a sabedoria”¹² (Stein, 1933, p. 100). Essa curiosidade a leva a fazer amizade com John, um cocheiro na fazenda da família Bishop, nas proximidades de Bridgepoint, um homem casado e com família. O pai de Melanctha, James Herbert, não gosta nada dos rumores sobre a sua filha e decide intervir, chamando John para uma briga de faca, da qual sai perdedor.

12 “Road that leads to wisdom.”

James Herbert, que nunca havia estado presente, se afasta em definitivo da sua família, deixando Melanctha com a sua mãe de saúde frágil, Mis Herbert. Ao longo dos anos, Melanctha intensifica o seu flamar, até conhecer Jane Harden, professora negra, mas “tão branca que dificilmente alguém adivinharia”¹³, (Stein, 1933, p. 103), segundo o narrador, com uma peculiar inclinação ao álcool. Com Jane Harden, Melanctha decide “aprender” tudo o que é necessário, sendo esse um eufemismo para as relações lésbicas que as duas manteriam por dois anos, até que Melanctha se cansasse e prosseguisse com o seu flamar, abandonando Jane ao álcool.

Com o contínuo consumo do álcool por parte de Jane, ela adoece e recorre aos cuidados de Jeff Campbell, médico negro que, posteriormente, passa a cuidar de Mis Herbert. Com as reclamações de Jane quanto a Melanctha e o seu comportamento “imoral”, Jeff forma a imagem de uma mulher maldosa, totalmente concupiscente, que não tem valores. Quando cuida de Mis Herbert, Jeff trata Melanctha com frieza, pois não quer nenhum contato com uma mulher tão perigosa. Porém, a medida que o tratamento avança e os dois são forçados em uma convivência próxima, Jeff descobre a verdadeira personalidade de Melanctha, que é afável e meiga, e acaba se apaixonando por ela, embora com muita relutância.

O grande problema de Melanctha surge desse relacionamento. Jeff Campbell vive às sombras do passado de Melanctha, com as pessoas com quem ela se relacionou anteriormente, perguntando-se com quem ela saiu ou deixou de sair, com quantos homens ou mulheres Melanctha namorou. Jeff não consegue esquecer as palavras de Jane Harden sobre Melanctha e acha difícil abandonar o passado dela, o que gera discussões entre os dois, mas, principalmente, causa em Melanctha um desgosto para com Jeff, ao ponto de abandoná-lo.

Nesse ínterim, Melanctha conhece Rose Johnson na igreja, quando buscou as palavras de Deus para confortar o seu coração perdido. Rose Johnson é uma mulher negra retinta, mas que foi criada por brancos, e se considera superior aos outros cidadãos negros de Bridgepoint por causa disso. Rose e Melanctha mantêm essa amizade tortuosa, na que Melanctha mais dá do que recebe, chegando ao ponto de, quando Rose entra em trabalho de parto, Melanctha abandonar tudo para cuidar do bebê. O filho de Rose com Sam Johnson falece no momento em que Melanctha deixa o bebê por conta dos Johnsons, em razão dos cuidados negligentes de Rose.

13 “She was so white that hardly any one could guess it.”

Rose Johnson dá muito valor a sua amizade com Melanctha porque ela é uma mulher tão clara que poderia ser branca. São inúmeras as vezes que Rose diz para Melanctha que não a compreende, que o seu comportamento depressivo é um exagero, que ela nunca pensaria em matar-se, mas em matar uma outra pessoa quando está deprimida. A amizade das duas não dura muito depois do término entre Melanctha e Jeff Campbell, pois Melanctha volta aos seus antigos hábitos e Rose os condena veementemente.

Depois desse relacionamento fracassado, Melanctha volta aos seus dias de flamar, convivendo com as pessoas de comportamentos condenáveis para a comunidade de Bridgepoint, e começa um relacionamento com um homem mestiço, Jem Richards, mais branco do que negro, que a conduz aos locais mais sombrios da cidade, conseqüentemente abandonando-a. Depois disso, Melanctha adoece repentinamente, com tuberculose, concluindo a sua trajetória com uma morte solitária em um sanatório público da cidade.

Diferente dos dois outros contos presentes no livro, "Melanctha" (1909) segue o percurso da personagem principal, Melanctha no seu processo de aceitação de sua própria negritude, inspirada pela força que vê e admira e odeia em seu pai, ambigüamente, James Herbert. Ao longo de seus caminhos pela cidade, em busca de conhecimento, Melanctha decide aceitar que é negra, negando a branquidade e seus valores, conseqüentemente aderindo a um estilo de vida desregrado, que o narrador deduziu ser característico dos negros. A boemia é a melhor amiga de Melanctha, até que a pune com a tuberculose e a mata. Essa morte não é à toa, mas, sim, uma forma do narrador culpar Melanctha por assumir as suas raízes negras.

Como pode ser intuído já na narrativa do enredo de "Melanctha" (1909), as vozes sociais estão presentes em cada linha, a cada virar de página. Gertrude Stein construiu a narrativa sobre os pilares ideológicos que regeram a sua vida, como o racismo implícito que permeou as relações raciais segregadas no final do século XIX, e o machismo explícito que determinou a vida das mulheres na virada do século.

Em *My coal black lady, coon song* escrita por W. T. Jefferson, datada do ano de 1896, é narrada a história de um casal, onde a mulher é preta como um carvão. Na letra, a música diz "a sua cor é escura, mas ela é uma dama"¹⁴ (Jefferson, 1896, online), o que define bem Rose Johnson, personagem de "Melanctha" (1909). No conto, Rose Johnson alega sempre estar noiva de seus namorados, "Rose

14 "Her color's shady, but she's a lady."

manteve-se acompanhada e estava noiva, primeiro desse negro e depois de outro, e sempre se assegurou de estar noiva, por Rose ter um forte senso de uma conduta apropriada”¹⁵ (STEIN, 1933, p. 88).

Além disso, Rose Johnson é caracterizada como “uma negra de verdade, alta, forte, taciturna, estúpida, infantil e bela negra”¹⁶ (Stein, 1933, p. 85), o que é uma boa referência para o título da *coon song*, uma senhora preta como um carvão. Outra semelhança é o fato da dama da letra “não ter necessidade de dinheiro”¹⁷ (Jefferson, 1896, online), quando os brancos que criaram Rose deixaram uma quantidade em dinheiro para ela, “o povo branco dela deixou um pouco de dinheiro para os cuidados com Rose, e ela tinha esse dinheiro às vezes”¹⁸ (Stein, 1933, p. 88). Logo, Rose Johnson era independente, sem precisar do auxílio do marido, Sam, quanto à dinheiro.

Outra semelhança entre *My coal black lady* (1896) e “Melanctha” (1909) é o trecho “quando nós começamos uma caminhada/ nós apenas deixamos todos eles falando”¹⁹, pois quando Melanctha e Rose passaram a conviver e a andar juntas por Bridgepoint, foram consideradas, pela cidade, e pelo narrador, como negras da melhor espécie, “ela [Melanctha] e Rose Johnson eram ambas o melhor tipo de negras dali de Bridgepoint”²⁰ (Stein, 1933, p. 86).

A primeira frase do conto, “Rose Johnson tornou muito difícil o ato de trazer o seu bebê ao mundo”²¹ (idem), carrega uma conotação de que, quando em trabalho de parto, Rose dificultou o trabalho em razão de seu temperamento mesquinho. Depois do parto, Rose Johnson convalesce na casa de Melanctha, que cuida dela e do bebê. Contudo, Melanctha precisou se ausentar por alguns dias, e, quando retornou, o bebê de Rose e Sam Johnson havia falecido. Mesmo lamentando a morte da criança, “Rose e Sam, seu marido, lamentavam muito, mas essas coisas aconteciam com tanta frequência no *mundo negro* de Bridgepoint, que nenhum deles

15 “Rose kept company and was engaged, first to this colored man and then to that, and always she made sure she was engaged, for Rose had strong the sense of proper conduct.”

16 “A real black, tall, well built, sullen, stupid, childlike, good looking negress.”

17 “Has no use for money.”

18 “Her white folks left a little money to take care of Rose, and this money she got every little while.”

19 “When we start a-walkin’/ we just set’ em all a-talkin’.”

20 “She [Melanctha] and Rose Johnson were both of the better sort of negroes, there, in Bridgepoint.”

21 “Rose Johnson made it very hardy to bring her baby to its birth.”

pensou muito sobre isso”²² (ibidem, grifo nosso). A ênfase de que as mortes das crianças ocorriam no “mundo negro”, e não em Bridgepoint no geral, destaca a atitude preconceituosa do narrador para quem os negros não eram cuidadosos com as suas crianças.

Ademais, Rose Johnson se esforça para ser identificada como uma negra diferente, especial. Ela repete, “não, eu não sou uma nêga (sic) qualquer porque fui criada por brancos e Melanctha, ela é tão brilhante e aprendeu tanto na escola, ela não é uma nêga (sic) qualquer também”²³ (Stein, 1933, p. 86). Para Rose, as duas nada mais são do que duas damas; Rose, por ter sido criada por brancos e Melanctha, por ser quase branca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Melanctha” (1909), conto de Gertrude Stein, é a primeira obra experimental da vanguarda europeia conhecida como Cubismo Literário, na qual a autora adapta as características do Cubismo, idealizado por Pablo Picasso e Georges Braque, no início do século XIX. A autora também se inspirou nas obras pós-impressionistas de Paul Cézanne e no livro de Gustave Flaubert, *Trois Contes* (1877), para desenvolver as suas técnicas avançadas de indução, a partir da repetição e da abstração do sentido, como também da utilização de adjetivos, para construir histórias sem enredos reais, apoiadas, como é o caso do *corpus* da pesquisa, em estereótipos raciais e nas percepções racializadas de Gertrude Stein, acerca do povo negro.

Desde o início do século XIX, os negros clamavam pelo fim da escravidão, que destruiu, paulatinamente, as estruturas sociais das famílias negras e da compreensão da subjetividade do povo negro, que eram vistos como pessoas limitadas e brutalizadas pelo trabalho braçal que realizaram por toda a sua vida em solo estadunidense. No mesmo período, um outro grupo marginalizado, as mulheres, também lutavam para ter os seus direitos civis assegurados, demonstrando a sua insatisfação por meio de protestos bem organizados e marchas por todo o mundo, mas, com principal destaque para a luta feminina na Europa e nos Estados Unidos,

22 “Rose and Sam her husband were very sorry but then these things came so often in the negro world in Bridgepoint, that they neither of them thought about it very long.”

23 “No, I ain’t no common nigger for I was raised by white folks and Melanctha she is so bright and learned so much in school, she ain’t no common nigger either.”

onde se encontra o foco analítico da presente pesquisa, por representarem o pontapé inicial para as lutas feministas a eclodirem ao redor do globo.

Entretanto, mesmo que esses grupos se organizassem devidamente com o objetivo de reivindicar os seus direitos civis e políticos, eles, muitas vezes, não eram levados a sério pelos poderosos homens brancos, que tratavam as suas exigências com desleixo, mais preocupados estavam em assegurar a sua superioridade sobre os grupos minoritários por meio de leis que limitavam o poder destes – poder este praticamente inexistente, independente de seus esforços em fazerem-se ouvir por meio de manifestações e coalisões políticas. Nos Estados Unidos, mulheres brancas e homens negros se uniram em prol da questão do sufrágio, porém, tal aliança sofreu uma ruptura quando os homens negros foram contemplados com o direito ao voto, enquanto mulheres negras e brancas permaneciam sem poder político.

A partir das análises realizadas podemos concluir que Stein utilizou o Cubismo Literário e suas técnicas para narrar a história de uma personagem negra em meio a uma comunidade racista. Embora Melanctha teve todas as alternativas possíveis para se esconder em seu sangue *metade* branco para agir como uma mulher distinta e decente, como a sua amiga Rose Johnson, que apenas por ter sido criada por brancos já tem uma ideia superestimada de si mesma, considerando-se superior aos seus concidadãos, ela preferiu amar a negritude que provém de seu pai. Logo, esse estilo narrativo também foi significativo para explicar que, ao aceitar a negritude que provém de seu pai, a sua força, que ela admira, e, conseqüentemente, a vida desvariada e intensa que vive, Melanctha comete um erro vital, o que a condena à morte

REFERÊNCIAS

ABREU, Andreia Manuela Passos. **Gertrude Stein e o Cubismo Literário**. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos) — Porto: Universidade Aberta, 2008.

ALLEN, Richard B. Encerrando a história do silêncio: reconstruindo o tráfico europeu de escravos no Oceano Índico. **Revista Tempo**. vol. 23. n. 2. mai/ago 2017. p. 295-313.

ALMEIDA, Jane Soares. As gentis patricias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940). **Educar em revista**, n. 48, abr/jun, 2013, p. 187-205.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Bernadini et al. 4 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. P. 397-428.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I**: A estilística. São Paulo: Editora 34, 2015.

BECKSON, Karl. GANZ, Arthur. **Literary Terms**: A Dictionary. 3. ed. Nova Iorque: The Noonday Press, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALDEIRA, Isabel. A construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. nº 39. 1994.

CARNEIRO, Anita Natividade. Harriet Tubman: O papel da mulher negra na resistência à escravidão nos Estados Unidos da América. **Aedos**, v. 11, n. 4, ago. 2019, p. 189-209.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DU BOIS, W. E. B. **Reconstruction in America**. New Brunswick/London: Transaction Publishers, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FLAUBERT, Gustave. **Três Contos**. São Paulo: Editora 34, 2019.

JEFFERSON, W. T. **My coal black lady**: symphony de Ethiopia; a 1896 popular song. 1896. Disponível em: < <http://sheetmusicsinger.com/highbrownsongs/my-coal-black-lady/>>. Acesso em 20 mai 2021.

KARNAL, Leandro. (et al). **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XIX. São Paulo: Contexto, 2007.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 6. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

ROWE, John Carlos. What is inside: Gertrude Stein's use of Names in Three Lives. **Novel**: a forum of fiction. vol. 36, n. 2, 2003. p. 219-243.

STEIN, Gertrude. **A autobiografia de Alice B. Toklas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

STEIN, Gertrude. **Three Lives**. New York: The Modern Library, 1933.

WOOLF, Virgínia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: LP&M, 2013.